



Estudos Ibero-Americanos

ISSN: 0101-4064

eia@pucrs.br

Pontifícia Universidade Católica do Rio

Grande do Sul

Brasil

Vale Castro, Fernando

Um intelectual multifacetado em um caleidoscópio de ideias: raça no pensamento de
Fernando Ortiz

Estudos Ibero-Americanos, vol. 42, núm. 2, mayo-agosto, 2016, pp. 606-632

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=134646844013>

- ▶ Como citar este artigo
- ▶ Número completo
- ▶ Mais artigos
- ▶ Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe , Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



Um intelectual multifacetado em um caleidoscópio de ideias: raça no pensamento de Fernando Ortiz*

*A multifaceted intellectual in a kaleidoscope of ideas:
race in the thought of Fernando Ortiz*

*Un intelectual polifacético en un caleidoscopio de ideas:
raza en el pensamiento de Fernando Ortiz*

Fernando Vale Castro**

Resumo: Este artigo tem como objetivo realizar uma análise das ideias sobre raça do intelectual cubano Fernando Ortiz (1881-1969), entre as décadas de 1920-40, refletindo sobre alguns dos paradigmas que influenciaram suas reflexões, em especial elementos relacionados à Antropologia Cultural e ao Espiritismo. Busco demonstrar que Ortiz foi um intelectual multifacetado e, portanto, suas concepções sobre raça só podem ser compreendidas quando inseridas em uma perspectiva caleidoscópica, ou seja, suas ideias não podem ser entendidas por um viés unidimensional.

Palavras-chave: Fernando Ortiz; raça; espiritismo

Abstract: This article aims to conduct an analysis of the ideas about race of Cuban intellectual Fernando Ortiz (1881-1969) between the 1920s and 1940s reflecting on some of the paradigms that influenced his thoughts, particularly elements related to cultural anthropology and Spiritism. I intend to show that Ortiz was a multifaceted intellectual and therefore his views on race can only be understood when inserted into a kaleidoscopic perspective, that is, their ideas cannot be understood by a one-dimensional lenses.

Keywords: Fernando Ortiz; race; spiritism

*Este artigo foi resultado de Pós-doutoramento realizado junto ao Departamento de História da Universidade de São Paulo sob a supervisão da Professora Doutora Maria Helena Capelato. Agradeço a José Arévalos pelo o auxílio junto aos arquivos cubanos e a Consuelo Naranjo por algumas das referências bibliográficas.

**Professor de História da América do Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro. <valecastroufj@gmail.com>



Resumen: Este artículo tiene como objetivo realizar una análisis de las ideas sobre raza del intelectual cubano Fernando Ortiz (1881 a 1969) entre las décadas de 1920 y 1940 reflejando acerca de algunos de los paradigmas que han influido en su pensamiento, específicamente los elementos relacionados con la antropología cultural y el espiritismo. Pretendo demostrar que Ortiz fue un polifacético intelectual y por lo tanto sus puntos de vista sobre la raza sólo pueden ser comprendidas cuando se insertan en una perspectiva caleidoscópica, en otras palabras, sus ideas no pueden ser entendidos a través de una sola dimensión.

Palabras claves: Fernando Ortiz; raza; espiritismo

La raza es concepto estático; la cultura, lo es dinámico. La raza es un hecho; la cultura es, además, una fuerza. La raza es fría; la cultura es cálida. Por la raza sólo pueden animarse los sentimientos; por la cultura los sentimientos y las ideas. La raza hispánica es una ficción, generosa, si se quiere; pero la cultura hispánica es una realidad positiva, que no puede ser negada ni suprimida en la fluencia de la vida universal. La cultura une a todos; la raza sólo a los elegidos o a los malditos. De una cultura puede salirse para entrar en una cultura mejor, por auto superación de la cultura nativa o por expatriación espiritual y alejamiento de ella (ORTIZ, 1929, p. 9).

Introdução

Este trabalho tem como objetivo realizar uma análise das ideias sobre raça do intelectual cubano Fernando Ortiz (1881-1969), entre os anos 1920-40, na medida em que tal constructo teórico nos permite pensar acerca da identidade cultural cubana que foi, na nossa opinião, uma preocupação fundamental e explícita do autor desde o inicio do século.

Há que se destacar que pensar a nação era uma preocupação da geração¹ intelectual que viveu o processo de independência de Cuba e, portanto, chamou para si a responsabilidade de estabelecer diagnósticos e prognósticos para o país.

¹ Estamos considerando “geração”, compreendendo-a a partir da fusão entre memória e história, ou seja, da existência de uma memória comum, um testemunho de como um conjunto de homens viveu uma determinada época. Nesse sentido, devemos ligar gerações aos marcos, aos eventos fundadores, mas com o cuidado de não nos determos somente neles, pois não devemos datar uma geração apenas pelos fenômenos sociais ocorridos, na medida em que estes podem ser apreendidas de várias maneiras. No caso cubano, a geração intelectual das primeiras décadas do século XX compartilhava a independência e a necessidade de construir um projeto de nação. Sobre isso ver em Attias-Donfut (1988) e Sirinelli (1991).

Ortiz em seus estudos, especialmente a partir dos anos 20, interessou-se pela cultura afrocubana, investigando o folclore e as várias tradições da Ilha. Em síntese, pretendemos compreender a relevância da questão racial na sua obra, bem como refletir sobre alguns dos paradigmas, para além do afrocubanismo (fortemente marcado pelas referências da Antropologia Cultural), que influenciaram algumas de suas formulações teóricas.

Para se pensar uma pesquisa por esse viés é de fundamental importância recuperar a identidade histórica das obras intelectuais, por meio de uma metodologia histórica e intertextual, ou seja, que apresenta como objetivo alcançar o sentido do texto em seu tempo, afastando-se, portanto, de possíveis visões anacrônicas e reducionistas.

Perceber o texto inserido no seu contexto reconstrói sua historicidade, ao mesmo tempo em que lhe atribui o caráter de ação, isto é, o texto entendido como ato de fala. Por essa trilha é possível afirmar que a análise do historiador deve priorizar as “linguagens do discurso” (SKINNER, 2005). Buscando sintetizar nossa proposta metodológica, estou considerando Fernando Ortiz como enunciador de atos de fala em resposta a determinadas questões em discussão no período, mais precisamente, a necessidade de se repensar o conceito de raça em Cuba.

Nosso objetivo é investigar como a questão racial pode ser compreendida nas obras de Ortiz, analisando as mudanças que o tema sofreu. Em síntese, consideramos Ortiz um intelectual multifacetado e, portanto, suas concepções sobre raça só podem ser compreendidas quando inseridas em uma perspectiva caleidoscópica, ou seja, suas ideias não podem ser entendidas por um viés unidimensional. Pretendemos indicar que as reflexões de Ortiz transcendem quaisquer possibilidades de explicações esquemáticas, ou seja, não é possível a total compreensão de suas ideias a partir de referenciais únicos que estariam de acordo com o período que ele escreveu. Especificando esse argumento, a historiografia consagra que no início do século XX ele escreveria sob a influência do positivismo biologizante de viés lombrosiano e a partir dos anos 20, teria sofrido uma guinada na qual passaria a seguir uma vertente culturalista. Acreditamos que suas análises acerca da questão racial abarcam referenciais teóricos mais amplos.

O estudo do pensamento de Fernando Ortiz permite observar a mudança conceitual/semântica relacionada ao conceito de raça. Um dos objetivos deste trabalho é refletir acerca das rupturas entre as ideias defendidas pelo autor e as manifestações do racismo científico do século XIX. Partimos da hipótese de que as reflexões sobre a questão racial

eram o pilar fundamental do pensamento de Ortiz sendo o pano de fundo de toda sua ampla e eclética produção intelectual e que só pode ser compreendida quando observada à luz de uma série de referências teóricas que embasaram os seus vários estudos apresentados ao longo de mais de quatro décadas de intensas pesquisas e atuação intelectual. Como um intelectual cosmopolita e multifacetado, a compreensão de suas diferentes concepções sobre o conceito de raça só é possível, na nossa visão, se tivermos em mente que diferentes referenciais teóricos acabaram mapeando suas reflexões. Logo tais concepções devem ser observadas, conforme dito, como uma síntese, uma amalgama desses diferentes escopos, que vão desde o cientificismo do início século XX, passando pela antropologia de meados da primeira metade do Novecentos e pelo Espiritismo.

Um breve debate historiográfico

De uma tradicional família de negociantes espanhóis Ortiz foi criado na Espanha, em Menorca, entre 1882 e 1895, tendo retornado a Cuba durante a Guerra de Independência. Em Havana, iniciou seus estudos universitários, tendo, após a Guerra, em 1898, viajado para Barcelona, onde se licenciou em Direito em 1900. Em 1901, doutorou-se em Ciências Jurídicas em Madri. Entre 1902 e 1906 fez carreira diplomática atuando na Itália e na França; sendo após esse período nomeado “Advogado Fiscal da Audiência” em Havana. De 1908 a 1916 atuou como Catedrático de Direito Público na Universidade de Havana. Em 1916, foi eleito parlamentar pelo Partido Liberal, cargo que ocupou por 10 anos (DIAZ QUIÑONEZ , 2011).

Para Ana Cairo o itinerário intelectual de Fernando Ortiz é bastante interessante. Em relação à questão racial convém salientar que os seus primeiros escritos foram fortemente marcados pelas ideias sobre raça e criminalidade dos italianos Cesare Lombroso e Enrico Ferri². Em 1914, iniciou um movimento para criar a Sociedade do Folclore, que, no entanto foi fundada apenas em 1923. Para Cairo a Sociedade iniciou o processo de legitimidade acadêmica da cultura afrocubana (CAIRO, 2009).

² Defendiam método classificatório para a análise dos criminosos, ou, ao menos, potenciais criminosos, por meio de proporções e características físicas, na chamada antropologia criminal que, invariavelmente seguia as premissas raciais da segunda metade do século XIX para estabelecer o maior ou menor grau de criminalidade do indivíduo. Sobre isso ver em Hofbauer (2006), entre outros.

Fernando Ortiz, inegavelmente, foi um dos principais intelectuais latino-americanos da primeira metade do século XX. Sua significativa produção, marcada por centenas de obras versando sobre variados temas, bem como os inúmeros trabalhos sobre seus escritos, explicitam sua relevância no cenário das ideias do continente. Dentre as várias temáticas abordadas a mais relevante é, em nossa opinião, conforme salientado, a que aborda a noção de raça. Neste sentido, ainda que de maneira breve, analisaremos alguns trabalhos que trataram essa relevante questão na obra de Ortiz.

Os historiadores espanhóis, Consuelo Naranjo Orovio e Miguel Ángel Puig-Samper, desenvolveram uma série de argumentos sobre o intelectual cubano em uma série de artigos (NARANJO OROVIO e PUIG-SAMPER, 1998, 1999, 2000). Em síntese os autores defendem a tese que a evolução do pensamento de Fernando Ortiz pode ser compreendido, a partir de 1910, como sendo fortemente influenciado pelo conceito de cultura, fato que fez com que ele se colocasse desde então contrário à noção de raça. Os autores defendem a tese de que a correlação entre raça e criminalidade só é observável nos primeiros anos da produção intelectual de Ortiz com destaque para uma de suas obras mais emblemáticas desta primeira fase de sua produção: *Los Negros Brujos* (ORTIZ, 1973), de 1906, na qual considerava de suma importância o fator étnico na construção da sociedade e na consolidação da nacionalidade. O argumento central dos autores pressupõe a existência de raças inferiores e superiores e a definição do delito como consequência de uma degeneração que evidenciava a inferioridade do negro, marcado por um “primitivismo selvagem” que explicaria todos os seus crimes.

O desenvolvimento do pensamento de Fernando Ortiz produziu uma significativa transformação, tanto de seus aportes teóricos quanto de seus objetos de investigação. Suas pesquisas iniciaram um processo de afastamento das premissas Lombrosianas e do Krausopositivismo³ a partir de 1910. Resumidamente, Naranjo e Puig-Samper apontam que paulatinamente Ortiz foi buscando abordagens mais abertas acerca de questões relacionadas à temática racial e da importância de se compreender aspectos culturais em busca do fortalecimento de um sentimento nacional que permitisse a consolidação de uma nacionalidade

³ Pensamento oriundo de K. Krause, bastante influente na Espanha de fins do século XIX. Apresentava algumas similaridades com o cientificismo, muito forte no período. Sobre isso ver em Jimenez Garcia (1996).

que servisse de resistência à sistemática penetração cultural e econômica estadunidense. As pesquisas de Ortiz sobre os mais variados temas possibilitaram a busca de uma síntese que pode ser observada na formulação, em 1940, do conceito de transculturação bem como no posicionamento bastante crítico acerca do conceito de raça que o levará a estabelecer uma profunda crítica ao fenômeno do racismo.

A historiografia consagra uma visão pela qual, na virada para os anos 20, houve o processo de superação definitiva dos ideais da criminologia racista de Lombroso e Ferri. Para Kelvin A. Yelvington (YELVINGTON, 1996) a evidente mudança de Fernando Ortiz, atraído pelo movimento afrocubanista, transformou-o em um verdadeiro patrono desse movimento, bem como em uma de suas principais fontes de legitimidade que culminou com a criação da Sociedade de Estudos Afrocubanos na década seguinte, em 1937.

Na década de 1920, segundo Naranjo e Puig-Samper é possível observar um intelectual plenamente formado com uma sólida análise sobre o caráter nacional cubano a partir da pesquisa das características psicosociais da população. Suas argumentações partiam da premissa de que eram insustentáveis as análises que partiam de paradigmas raciais para explicar o funcionamento da sociedade, classificando-as como “artificiais e convencionais”. O caminho para a compreensão efetiva da sociedade seria a observação dos aspectos culturais. Para os autores, foi o estudo das culturas e não das raças que resultou na definição da cubanidade como uma categoria baseada na fusão de todos os elementos étnicos cubanos que resultaram na integração das forças sociais que formaram a nacionalidade da Ilha⁴. No trabalho *“Delincuencias y racismo en Cuba: Israel Castelanos versus Fernando Ortiz”*, os autores igualmente defendem que a década de 1920 marca a ruptura definitiva de Ortiz em relação aos seus primeiros mestres (NARANJO OROVIO e PUIG-SAMPER, 1998, p. 23)

Para os autores, no fim dos anos 20 já é possível observar claramente certo tom de denúncia por parte de Fernando Ortiz em relação à toda uma literatura baseada em argumentos racistas e que servia para estabelecer a manutenção de um *status quo* marcado pela participação dos Estados Unidos que se fazia presente em Cuba desde a independência em fins do século XIX (GOTT, 2006). Vários estudiosos defendem que havia uma clara intenção nos escritos de Ortiz de explicar as várias

⁴ “(...) plenamente formado que plantea el análisis del carácter nacional cubano a partir del estudio de las características psicosociales” (NARANJO OROVIO e PUIG-SAMPER, 1999, p. 221).

faces da sociedade cubana com base em premissas que passariam pela observação de elementos psicológicos, históricos e culturais. No entanto, não concordamos com as reflexões que defendem uma ruptura definitiva, uma vez que havia ainda, de forma sistemática, a presença de categorias como higienização, regeneração e parasitismo social em suas argumentações. Em que pese ser possível observar que houve certo avanço de pesquisas que acabavam por reconhecer e valorizar o papel do negro e de seus elementos culturais como sendo chaves na formação da identidade cubana, defendemos que a consolidação de uma visão culturalista de Ortiz só ocorre ao longo da década de 1940, portanto, após a enunciação do conceito de transculturação, apresentado em 1940.

De acordo com Fábio Oliveira (OLIVEIRA, s/d) a intelectualidade cubana passou por um claro processo de metamorfose entre a segunda metade do século XIX e a década de 1930. Especialmente na virada do Oitocentos para o século XX, logo após o processo de independência, houve o predomínio do hispanismo com a existência de instituições voltadas para a consolidação desta perspectiva e que incentivaram uma significativa produção cultural. Outrossim, houve o desenvolvimento de reflexões acerca da questão racial que oscilava entre o racismo científico que apresentava como pilar central a teoria do embranquecimento e a “fraternidade racial”. Ambas as diretrizes pensadas como alternativas para a construção do projeto nacional cubano.

Para Oliveira as instituições criadas por Ortiz conferiam legitimidade acadêmica à cultura afrocubana, sobretudo em relação aos aspectos religiosos e musicais. Paralelamente a isso, elas também se tornaram espaços de sociabilidade nos quais se tornou possível a criação de alianças entre intelectuais que buscavam inserir suas propostas no cenário político e cultural na Ilha especialmente nas décadas de 1920 e 30 (OLIVEIRA, s/d).

Dentre os vários projetos de diferentes intelectuais, foi, segundo Fábio Oliveira, Fernando Ortiz o maior responsável pelo desenvolvimento dos estudos afrocubanistas. Tal relevância esteve ligada ao fato de Ortiz ter estabelecido estreitos laços com a intelectualidade europeia e de possuir “habilidade de despojar-se de teorias para manter-se em posição monopolizadora e dominante como intelectual e líder político” (OLIVEIRA, s/d, p. 22).

Para Matos Arévalos (ARÉVALO, 2008), que pesquisou as reflexões do pensador cubano sobre a *Virgen de La Caridad del Cobre*, Ortiz surpreende pelo grau de amplidão e de profundidade com que se dedicou à pesquisa de temas sobre a formação da cultura e da sociedade cubana

com especial ênfase à etnografia e à cultura africana na Ilha, assim como, ainda que em escala menor, da relevância para se compreender a formação da nação das raízes hispânicas entre outras questões.

No que tange aos estudos etnográficos, salienta Matos Arévalo, Ortiz foi fortemente influenciado por autores como: J. G Frazer, E. Taylor, E. Durkheim, Nina Rodrigues, H Hubert e M. Mauss, assim como por toda uma geração de sociólogos, historiadores e antropólogos que repensaram as concepções dominantes até a virada do século XX sobre raça que se pautavam pelo evolucionismo biologizante que classificava fundamentalmente em raças superiores e inferiores. Neste sentido, Matos Arévalo defende que houve o estabelecimento de um viés interpretativo pelo qual os fenômenos sociais passaram a serem vistos por uma premissa mais histórica e cultural em detrimento de um viés biológico. Dentre as principais influências, o autor destaca os trabalhos de Franz Boas⁵, através dos quais Ortiz passou a defender que “não existe conexão causal entre raça e as realizações culturais, entre raça e as qualidades psicológicas, linguísticas ou religiosas de um povo ou grupo étnico” (ARÉVALOS, 2008, p. 5).

Matos Arévalos defende a tese de que a ruptura definitiva de Fernando Ortiz com as concepções evolucionistas sobre raça se deu no artigo “*Ni racismo ni xenofobia*” (ORTIZ, 1929) no qual Ortiz se coloca, explicitamente, contra todo e qualquer tipo de racismo. A partir daí, segundo o autor, ele introduziu definitivamente o conceito de cultura em seus estudos etnográficos filiando-se, assim, aos pressupostos teóricos desenvolvidos por Boas.

Há que se destacar que não concordamos com os argumentos de Arévalos. Ao longo de seus escritos, especialmente nos anos 30, a questão cultural vai inegavelmente ganhando espaço no pensamento de Ortiz. No entanto, não notamos ser possível afirmar que houve uma ruptura definitiva dos aspectos biologizantes, bem como a preocupação com aspectos culturais já faziam parte das reflexões do autor, ainda que de maneira secundária, desde pelos menos a publicação de *Entre Cubanos* (ORTIZ, 1987) de 1913, o que nos leva a perceber que o pensamento de Fernando Ortiz, desde então, era influenciado por diferentes paradigmas.

Na década de 1930, em vários trabalhos e conferências, Ortiz fez uma espécie de preparação que culminou em sua obra seminal e mais

⁵ Em síntese, podemos afirmar que Franz Boas buscou estabelecer a autonomia do fenômeno cultural, rejeitando o determinismo biológico como ponto central na formação das sociedades. É considerado o precursor da Antropologia Cultural. Sua obra influenciou várias gerações de antropólogos. Sobre isso ver em Boas (2004).

conhecida, “*Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*” (ORTIZ, 2002), publicada em 1940, na qual aparece o conceito de transculturação. Sucessivamente, apresentou nos anos 40, um conjunto de trabalhos sobre a questão racial. De uma série de conferências ministradas entre 1942 e 1944, publicadas no livro *El engaño de las razas* (ORTIZ, 2011), em 1945, e artigos extremamente importantes para a compreensão de suas concepções sobre a questão racial e que serão analisadas na parte final deste trabalho.

Para Emerson de Oliveira (OLIVEIRA, 2003) a obra de Fernando Ortiz apresenta um discurso sobre a identidade cubana que se aproximaria dos interesses das elites econômicas e políticas da Ilha, tendo em vista que Ortiz defenderia uma perspectiva de harmonização entre as diversas etnias e grupos sociais ocorrida por meio do processo de transculturação. Nas palavras de Oliveira “essa leitura da sociedade cubana, feita por Ortiz, em nossa opinião tende a negar os conflitos sociais e raciais em curso no inicio do século XX em Cuba” (OLIVEIRA, 2003, p. 17).

Para o autor a partir de 1913, com a publicação de *Entre Cubanos*, a obra de Ortiz passou a apresentar de forma clara duas de suas principais características: a ruptura com as visões sobre raça que marcaram as últimas décadas do século XIX, mas que, no entanto, estabeleceu uma visão que tendia a negar os conflitos raciais e que acabou por produzir uma leitura parcial, superficial e limitada dos problemas sociais em Cuba. *Entre Cubanos*, segundo o autor, parte da premissa de que houve uma integração dos negros à nação cubana e que esta seria resultado da transmigração geográfica que teria gerado uma transmigração cultural. Oliveira defende que em *Entre Cubanos*, estava o embrião do conceito de transculturação ao se preocupar em definir “a cubanidade, o ser cubano, as relações de identificação e diferenciação que os cubanos estabelecem entre si e os outros povos” (OLIVEIRA, 2003, p. 42-43).

Para Emerson Oliveira, Ortiz definiu a identidade nacional cubana a partir da idéia de transculturação. Essa formulação conceitual foi consagrada, conforme dito, em 1940, em “*Contrapunteo Cubano Del Tabaco y el Azúcar*” em um capítulo adicional à obra intitulado: “*Del fenómeno social de la ‘transculturación’ y de su importancia en Cuba*”. Em resumo a cultura cubana deveria ser pensada a partir da simbiose entre a cultura hispânica e a cultura africana, sendo a síntese dos elementos que ambas apresentam, isto é, a transculturação possibilitaria compreender os complexos processos de transmutações culturais. A identidade nacional cubana seria resultado desse processo. No entanto, Oliveira defende que Ortiz observava de maneira distinta

a contribuição de cada uma das culturas na formação desse processo identitário, “enquanto os brancos trouxeram suas instituições sociais e as formas de vida hispânicas, os negros contribuíram apenas com seus corpos” (OLIVEIRA, 2003, p. 89).

No que tange a questão da transculturação, o principal conceito formulado por Fernando Ortiz, faz-se necessário salientar que há certo consenso de que essa noção não pode ser compreendida como sendo um simples processo de assimilação ou adaptação passiva. Na verdade, ocorre um processo que tanto a cultura considerada dominante quanto a dita “subalterna” passam por transformações. Tal premissa rompe com a perspectiva de existirem culturas superiores e inferiores, pilar fundamental nos processos de dominação.

O conceito de transculturação foi formulado por Fernando Ortiz numa clara crítica ao conceito de aculturação, pois este pressupunha uma assimilação pacífica do elemento estrangeiro. Para o autor transculturação

expressa melhor as diferentes fases do processo transitivo de uma cultura a outra, porque essa não consiste apenas em adquirir uma nova e diferente cultura, que é a rigor apontado pela voz inglesa de aculturação, mas que o processo implica também necessariamente a perda ou o desprendimento de uma cultura precedente, o que poderia chamar-se de desculturação e também significa a conseqüente criação de novos fenômenos culturais , que poderiam ser denominados de neoculturação (ORTIZ, 2002, p. 96).

Convém destacar que as mudanças do pensamento sobre raça formulado por Fernando Ortiz, em nossa opinião, se ajusta a um processo múltiplo: de um lado ao fato de haver nesse momento uma clara desracialização das políticas estatais em Cuba (BRONFMAN, 2004) associada à crise do hispanismo (FORNET, 2009); por outro lado, externamente, a existência de uma geração intelectual⁶ com a qual Ortiz mantinha estreito contato.

A relação do texto com o contexto é premissa fundamental para uma compreensão plena das ideias de qualquer intelectual, destacando que esse contexto deve ser compreendido por um tripé no qual se apoiam tanto a época quanto o cenário intelectual, bem como de que maneira o

⁶ Entre outros merecem destaque: Herskovits; Bronislaw Malinowski; Jean-Price Mars (Haiti) e Arthur Ramos (Brasil), voltados, principalmente, na América Latina e no Caribe, para a “africanização” de práticas religiosas e culturais.

autor se “relaciona” com ambos. Compreender, portanto, o pensamento de Ortiz nos remete a compreender sua trajetória de intelectual com ativa participação na política cultural da Ilha, como pode ser observada nas várias instituições e periódicos dos quais ele fazia parte. Devemos somar a isso o intenso intercâmbio realizado por ele entre Cuba, Espanha e Estados Unidos ao longo de grande parte de sua trajetória, seja por meio de viagens, seja por meio de troca de cartas ou de livros (CAIRO, 2009; DIAZ-QUIÑONEZ, 2011).

Igualmente, faz-se necessário salientar que o período em questão foi marcado por uma profusão de ideias que formaram uma enorme gama de caminhos a serem seguidos pelos vários grupos intelectuais que marcaram a cena cultural latino-americana com o intuito de se forjarem possíveis identidades nacionais que podiam dialogar ou não com projetos continentais.⁷ No caso cubano, Ortiz foi pioneiro em pensar um projeto que abarcasse o negro, o índio, o espanhol e demais grupos imigrantes. Destes grupos, a historiografia consultada afirma que os africanos receberam a maior atenção na sua obra.

Para Yelvington (YELVINGTON, 1996), a “invenção” de uma identidade africana na América Latina foi um processo que envolveu tanto intencionalidade quanto ideologia, o que implica obrigatoriamente em uma perspectiva histórica e política do trabalho cultural entendendo estes intelectuais não apenas em suas sociedades, mas em suas articulações e redes internacionais. Paralelo a isso, não se pode perder de mente as significativas mudanças no pensamento racial com a radicalização da Eugenia⁸ a partir do surgimento e ascensão do Nazismo que a partir dos princípios do arianismo promoveram uma releitura dos paradigmas racialistas de então, especialmente ao longo da segunda metade da década de 1930 e dos anos 40.

Duas observações merecem destaque ao analisarmos a bibliografia apresentada até agora. Em primeiro lugar, há certo consenso de se pensar as reflexões de Ortiz sobre a questão racial de uma maneira unidimensional e estanque. Suas formulações seriam bem demarcadas paradigmaticamente, isto é, em cada momento de sua produção intelectual ele seguiria claramente determinada corrente inexistindo, praticamente, outras influências. Em seus primeiros escritos, ele seria influenciado

⁷ Sobre a intelectualidade latino-americana ver em Altamirano (2008, 2011); Amaral (1990); Beraba (2008); Funes (2006); Soares (2013); Valdés (2001), entre outros.

⁸ Termo criado em 1883 por Francis Galton. Etimologicamente significa bem nascido. Definido por Galton como “o estudo dos agentes sob o controle social que podem melhorar ou empobrecer as qualidades raciais das futuras gerações seja física ou mentalmente”. Ver em Stepan (2005).

pelo cientificismo/positivismo do Oitocentos e posteriormente pela Antropologia Cultural. Cabe salientar que alguns autores, conforme visto, destacam que, em algumas obras, restritas aos anos 10 e 20, Ortiz apresentava ao mesmo tempo a influência de paradigmas racialistas e culturalistas, mas sempre com a clara predominância de um sobre o outro.

O segundo aspecto destacável é, em que pese a relevância tanto do positivismo do século XIX bem como da Antropologia Cultural das primeiras décadas do XX, os estudos sobre Ortiz, em quase a sua totalidade tenderam a ignorar a importância do Espiritismo para a compreensão efetiva do ideário do intelectual cubano. Uma exceção foi Arcádio Diaz Quiñonez (DIAZ-QUIÑONEZ, 2011), que defende como ponto fundamental para a compreensão da mudança de paradigmas no pensamento do autor a influência do espiritismo científica de Allan Kardec. Segundo Quiñonez tais paradigmas proporcionaram a Ortiz ferramentas para compreender a questão racial por meio de uma perspectiva evolucionista que abarcaria a espiritualidade nacional, o direito e a religião e foram fundamentais na elaboração do conceito de transculturação. Concordamos com a valorização dos pressupostos do espiritismo para a compreensão do pensamento de Ortiz, porém o consideramos como um dos elementos que formaram o caleidoscópio de ideias que marcaram as reflexões do intelectual cubano. Logo, não o enxergamos como o mais importante, bem como entendemos que a sua relevância não se resume à formulação do conceito de transculturação.

Em 1915, ao publicar *La Filosofía Penal de los Espíritus* (ORTIZ, 2012), pela primeira vez, de forma sistemática, o autor realiza uma reflexão acerca do Kardecismo. Analisando “as bases ideológicas do espiritismo, as leis da evolução das almas, o delito, o determinismo e o livre-arbítrio, os fatores da delinqüência e o atavismo dos criminosos” (QUIÑONEZ, 2011, p. 18).

Em nossa opinião, é possível observar que a influência mais explícita dos pressupostos teóricos apresentados por Kardec estava no possível processo de transformação para melhor do homem e, por conseguinte, da sociedade, que permitiria, no caso cubano, a superação do atraso provocado pela ação colonizadora na qual se inseriam as teorias raciais que justificariam as diferenças entre as nações ditas civilizadas e a Ilha (e, por extensão, a América Latina). Outrossim, ao se realizar uma leitura atenta do Espiritismo é possível observar que religião e ciência deveriam caminhar juntas no processo de construção do conhecimento, premissa que rompe com o cientificismo do século XIX e que fez parte das preocupações do autor ao longo de toda sua trajetória.

Aspectos como progresso individual são pilares para se pensar a retórica de Ortiz a partir da década de 1910, havendo um claro amadurecimento nos anos 20 e chegando à sua plenitude nos anos 30 e, sobretudo, 40. Há que se destacar também a valorização da ciência como elemento chave para o desenvolvimento humano.

Em artigo publicado em 1919 (ORTIZ, 1919), Ortiz analisou a importância das questões religiosas para a formação do povo cubano dando destaque para o Espiritismo. Mesmo deixando claro que não era espírita, algo que já o fizera quando da publicação de “*La Filosofía Penal de los Espíritus*”, quatro anos antes, e questionando se, do ponto de vista religioso, o espiritismo seria verdadeiro ou falso, Ortiz destaca que a religião era um “*vigoroso estímulo en pro del mejoramiento moral de la humanidad, de la redención de sus esclavitudes*” (ORTIZ, 1919, p. 65).

Ao desenvolver seus argumentos, apareceu, na nossa opinião, a chave para compreender a importância do espiritismo na formação intelectual de Ortiz. O espiritismo era entendido como uma doutrina religiosa e filosófica por meio da qual era possível estabelecer aproximações com o lombrosianismo. Ambos, o lombrosianismo e o espiritismo, seriam desdobramentos do desenvolvimento dos paradigmas científicos do século XIX.

En mi obra acerca del Hampa afro-cubana y a la de Haber estudiado también, años después, la Filosofía Penal de los espíritus, en mi otra obra así titulada, tendente a demostrar el paralelismo de esa doctrina con la criminología positivista lombrosiana (ORTIZ, 1919, p. 66).

Fernando Ortiz realizou uma análise, ainda claramente marcada por um viés evolucionista, observando que as religiões no decorrer dos séculos sofreram transformações diretamente ligadas ao avanço das sociedades. Exemplifica isso ao dissertar sobre as Reformas Protestantes afirmando que naquela época, com o desenvolvimento gerado pelo período renascentista “*La mente humana quiso romper los estrechos del catolicismo (...) Los dogmas fueran cayendo el embate del racionalismo*” (ORTIZ, 1919, p. 66).

De acordo com o autor, a partir do século XIX, com os ecos transformadores do evolucionismo de Lamarck, Darwin e Huxley, possíveis graças às transformações oriundas dos séculos anteriores, houve um avanço na liberdade de pensamento que promoveu o início de “*una nueva fase de la evolución religiosa*” (ORTIZ, 1919, p. 78).

Nas suas palavras:

En los mismos años, con Allan Kardec, alcanzaba el evolucionismo del espíritu como nueva concepción religioso-científica. El espíritu se desarrolla desde las formas de la pequeñez. (...) En el campo del progreso moral el Espiritismo aspiraba destruir el absurdo de las penas infernales impuestas por el Dios católico por una eternidad (...) Y además, el Espiritismo pretendía defender a Dios de la atroz injusticia, que se le atribuye por algunos credos, de traer al mundo niños ciegos, imbéciles, monstruosos o míseros, para que sufran sin causa, mientras otros, desde que nacen hasta que mueren, gozan de superioridades terrenales, sin causa también. (...) Espiritistas! Quien no participa de vuestra mística, serenamente os dice: Sois fieles de una sublime fe! Acaso seáis los que con mayor pureza os aproximáis al ideal de marchar hacia Dios por el amor y la ciencia (ORTIZ, 1919, p. 78-80).

Fica claro que o Espiritismo era um referencial importante para Ortiz e que continuará a ser como veremos mais a frente. Em face do exposto até aqui, fica evidente a existência de um caleidoscópio de ideias que marcaram as suas reflexões das quais, neste artigo, ao analisarmos seus textos sobre raça entre os anos 20 e 40, destacamos a Antropologia Cultural e o Espiritismo. Refletiremos a partir de agora acerca das diferentes concepções acerca da questão racial nos escritos do intelectual cubano.

Raça e racismo no pensamento de Fernando Ortiz

O conceito de raça foi uma das categorias que apresentaram de forma mais expressiva força política e poder retórico no processo de construção das nações latino-americanas em fins do século XIX e primeira metade do XX. Falar de nação, de identidade e de povo na América Latina, nesse período, implicava quase sempre em falar de raça (HOFBAUER, 2006).

Isso não ocorria necessariamente por uma defesa consciente da utilização do conceito, o que muitas vezes era o caso, mas, sobretudo, porque ele se apresentava como uma ferramenta discursiva importante dentro do universo conceitual do qual os intelectuais do período se serviam. Dessa forma, o conceito de raça podia ser empregado para defender as concepções e as propostas mais distintas: não implicando em uma postura ideológica específica, muitas vezes sendo caracterizado por certa fluidez ao servir de base para a análise do subcontinente.

Nos primeiros escritos de Ortiz a questão racial foi observada à luz de uma tipificação pautada em aspectos psicológicos e étnicos que, conforme dito, estabeleciam uma hierarquização que seria consequência direta de uma herança biológica marcada pelos paradigmas darwinistas inserindo os fenômenos culturais a um rigoroso determinismo racial, como, por exemplo, em *Negros Brujos* (ORTIZ, 1973), de 1906, no qual o autor defendeu a tese de que nos estratos “psicologicamente” inferiores de Cuba, a fusão racial entre negros e brancos apresentava uma forte tendência de formar seres inferiores, pois os limites da raça negra se imporiam sobre a branca. Neste sentido, Ortiz se colocava, nesse momento, radicalmente contrário à miscigenação.

Convém salientar que não nos deteremos nos escritos de Ortiz deste período. Neste artigo, como dito, enfatizaremos a produção que versa sobre a questão racial escrita entre os anos 20 e 40, período no qual, é possível observar nuances bem interessantes nas reflexões do autor sobre o tema. Em 1928, Ortiz publicou o artigo *La Milagrosa del Cementerio de la Habana* (ORTIZ, 1928) no qual, analisa a superstição que ainda marcava, sobretudo, os estratos mais baixos da sociedade cubana, ao relatar uma estátua de uma jovem mulher falecida em 1901 que havia se tornado lugar de peregrinação e devoção em pleno século XX “*porque esa estatua de una joven, hermosa e infeliz madre, ha sido convertida por la fe popular, si no en una santa, si en una milagrosa*” (ORTIZ, 1928, p. 195).

Em que pesa a valorização de elementos da cultura religiosa da Ilha, o texto ainda explicita um forte preconceito racial ao fazer remissões às superstições praticadas em Cuba pelos humildes crentes do “paganismo africano” (ORTIZ, 1928, p. 196), assim como o autor ressalta a ignorância da “*la gente de color*” *por acreditarem que a estátua tería elementos terapéuticos capaces, por exemplo, de magnetizar a agua propiciando o poder de cura. ‘El agua queda magnetizada’, me decía una pobre anciana*” (ORTIZ, 1928, p. 196). Igualmente critica os que concedem à falecida virtudes naturais. Ortiz afirmava que

en Cuba son frecuentes estas floraciones de la idolatría, del paganismo, de los cultos diabólicos, estas petrificaciones de las leyendas evheméricas, antropomorfizaciones de las potencias sobrenaturales, personificaciones de las mediunidades anímicas (ORTIZ, 1928, p. 199).

No ano seguinte, 1929, Ortiz clamava: “*Cultura, cultura y cultura!*” (ORTIZ, 1929, p. 13) como elemento chave na sua argumentação para que

fosse alcançada uma efetiva soberania democrática tão almejada pelas gerações anteriores. Paralelamente a isso, defendia que a cultura, na sua mais ampla acepção, seria peça fundamental para o desenvolvimento da “*fraternidade humana*”. A valorização da questão cultural, influenciada pelos novos paradigmas antropológicos do período, representavam certa relativização do conceito de raça e, consequentemente, do viés racista no discurso de Ortiz.

Ao focar sua interpretação em aspectos relacionados com as diferentes matrizes culturais que formaram a sociedade cubana, Ortiz deixava evidente que essa era constituída “por uma mesma cultura”, ainda que apresentasse matrizes variadas.

Pero entonces, preguntaréis: ¿Cómo se podrá significar el arca de ese positivo acervo de esencias espirituales que a todos los hispánicos nos corresponde en común? Fácilmente. Pensemos en que lo realmente nuestro, lo que nos pertenece troncalmente a todos, es ‘una misma cultura’, aunque de matices variados, y en que lo único que puede vincularnos unos a otros en el porvenir para nobles y puras actividades no es sino ‘la cultura’ en su sentido más comprensivo y supremo, sin las coloraciones parciales de tal o cual política, religión, escuela o raza (ORTIZ, 1929, p. 14).

Mesmo diante de um otimismo exagerado, é possível notar que o argumento central do autor era estabelecer um modelo para pensar uma sociedade na qual os elementos constitutivos da mesma não fossem estabelecidos por meio de referenciais raciais, pois estes marcavam um distanciamento entre os diferentes grupos sociais. Entendemos que essa preocupação se insere em uma dupla dimensão. De um lado a influência de toda uma ambiência intelectual, interna e externa, que desde a década anterior valorizava gradativamente uma releitura das teorias racialistas/biologizantes as quais influenciaram toda uma geração de intelectuais latino-americanos a pensarem o continente por meio de uma visão que valorizava elementos culturais. Por outro lado, o momento histórico de Cuba com três décadas como nação parcialmente independente por conta da Ementa Platt e que estava claramente em um processo de busca de sua identidade cultural, (re)escrevendo sua história, na qual, por conta de sua composição multiétnica, a questão racial era componente chave na construção da Nação. Logo, superar quaisquer formas de racismo era condição *sine qua non* para o estabelecimento de uma identidade nacional.

Nas suas palavras:

Las ideas ‘racistas’ son, al igual, contraproducentes. El concepto de raza, que es el más sobado y de mayor ingenuidad aparente, es también, sin duda, muy perjudicial. Ante todo, porque es falso. No hay una raza hispánica, ni siquiera española. Y menos en América, donde conviven las razas más disímiles, con tal intensidad numérica que en no pocas repúblicas no es la que pudiera decirse raza hispánica la predominante. (...)

El racismo divide y es disociador, no sólo desde un punto de vista universal, que ahora no interesa tanto, sino también desde una mira estrictamente nacional, allá donde, como en nuestras repúblicas, la nacionalidad necesita robustecerse por la creciente integración patriótica de todos sus complejísimos factores raciales. (...)

Claro está que la voz ‘raza’ ha sido adoptada a falta de otra absolutamente precisa para significar esa comunidad espiritual que nos une y agrupa, a veces aun en contra de nuestra premeditada voluntad, a todos los que hablamos el más bello de los lenguajes; pero ¿es que no hay otra mejor, sin vernos obligados a crear y dar acepciones socio gráficas equívocas a palabras que deben ser de pura etnografía? ¿No es preferible el vocablo ‘cultura’? (ORTIZ, 1929, p. 16).

Mais a frente, nesse mesmo artigo, Ortiz voltava a criticar o conceito de raça, ressaltando ser elemento insuficiente para se compreender em sua plenitude qualquer sociedade contemporânea, assim como aponta os limites do conceito para forjar uma identidade nacional capaz de consolidar um projeto futuro para a nação.

El concepto de raza se nutre de cadáveres. Por eso, preferentemente lo defiende el hombre de las cavernas. El concepto de raza se nutre de materiales históricos casi siempre de derribo, no de sustancias vivas. Por eso lo defienden en primer término los que viven y se limitan a vivir, de lo heredado. Y en vez de negociar sus talentos, los entierran, plantan encima esas ‘flores naturales’ de falsa poesía, regadas ampulosamente por la inagotable cretinidad (ORTIZ, 1929, p. 17).

Na década seguinte, um elemento novo torna-se pano de fundo nos escritos de Ortiz especialmente os relacionados à compreensão da sociedade cubana. O advento do nazi-fascismo que trazia consigo toda uma releitura bastante radical das teorias raciais. Isto se evidencia em

duas conferências realizadas em 1939 e 1941⁹: *Defensa cubana contra el antisemitismo* (ORTIZ, 1955) e *Marti y las razas* (ORTIZ, 1941).

A partir desse momento evidenciou-se uma clara tendência em Fernando Ortiz de negar o conceito de raça. O argumento central consistia de que tal conceituação não passava de um equívoco interpretativo que gerou na sociedade o fenômeno dos racismos os quais seriam desdobramentos de uma má interpretação. Este equívoco era fomentado tanto pela falta de pesquisa sistemática quanto pela má intenção das elites dirigentes que se valiam do discurso racial para justificar suas ações repressivas¹⁰.

El vulgo creía en la existencia de razas inferiores y superiores, como siglos atrás creyó en la sangre azul de la nobleza y en la sangre sucia de la plebeyez, y aceptaba la predestinación de unas *razas selectas*, llamadas a dominar siempre sobre otras, fatalmente condenadas a servidumbre. La *raza blanca* nació para mandar y para servir habían nacido la *negra* del África, la *india* de América, y, en general, todas las *gente de color* (ORTIZ, 1941, p. 4).

Valendo-se de aspectos religiosos e filosóficos desde o Oriente e passando pela a Antiguidade Clássica, Ortiz vai defender que desde os primeiros registros da humanidade havia correntes que defendiam a igualdade de todos, “que todos los hombres nacían iguales, y que solamente la virtud hacia que uno fuese superior al otro” (ORTIZ, 1941, p. 4).

É possível estabelecer uma associação entre essa premissa e os princípios filosóficos que norteiam o Espiritismo. Para os espíritas, e este é um de seus princípios fundamentais, todos são iguais na sua origem e devem trilhar um mesmo caminho. Entretanto, a forma e o tempo a que cada um levará depende diretamente de seu esforço individual. Portanto, o espiritismo trabalha com a perspectiva de que

⁹ Interessante notar o período dessas conferências. O ano de 1939 revelou ao mundo de forma efetiva o significado do Nazismo. Por mais que não houvesse dúvida desde a participação alemã na Guerra Civil Espanhola , o biênio 1938 / 39, com a Auschchluss e a questão da Tchecoslováquia, deixava claro quais eram as intenções do III Reich. Outrossim, não podemos deixar de mencionar como veremos adiante que as teorias raciais arianistas defendidas pelos germânicos chegaram à Ilha nesse momento. Em 1941, as tensões internacionais geradas pela Guerra eram evidentes, sobretudo envolvendo o continente americano por conta da guerra no Atlântico. Sobre isso ver em Hobsbawm (2007), entre outros.

¹⁰ Evidenciam-se aqui elementos ligados à retórica socialista como um dos referenciais que influenciaram Ortiz nas suas reflexões. Não nos deteremos neste artigo em tal temática, por mais que tal perspectiva reforce nosso argumento de que a compreensão de seu pensamento passe por uma análise multidimensional. Sobre a valorização do ideário socialista ver em Molinari e Enríquez (2014).

todos são iguais inicialmente, mas não estão necessariamente iguais ao longo de sua jornada¹¹.

Nota-se uma clara preocupação no autor de historicizar o conceito de raça, especialmente em Cuba quando ele foi utilizado para justificar a escravidão, tardivamente abolida em 1882, bem como para explicar a participação dos diferentes grupos étnicos na luta de independência e no processo de construção da nação (GOTT, 2006). Além disso, as observações históricas feitas por Ortiz serviam para reforçar uma de suas posições centrais, a saber: de que o discurso racialista servia para escamotear as práticas imperialistas da segunda metade do século XIX. Ele, mesmo reconhecendo o esforço científico presente no darwinismo e no evolucionismo, defendia a tese que, tanto quanto as “cosmogonias mitológicas”, as concepções científicas do Oitocentos “no estaban aún exenta del virus racista” (ORTIZ, 1941, p. 7). Ressaltava ainda que as teorias racistas, à época, serviram para justificar a formação dos Impérios coloniais bem como para acirrar as rivalidades imperialistas. Havia, portanto, um interesse político na retórica racista.

Tal crítica se coaduna com toda uma reflexão de boa parte da intelectualidade latino-americana diante dos rumos da Segunda Guerra Mundial. Interessante notar que o ano de 1941 foi chave para o continente desde a assinatura da Carta Atlântica em agosto, até a efetiva entrada dos Estados Unidos após o ataque a Pearl Harbor. Nesse sentido, a questão do Imperialismo estava na ordem do dia dos intelectuais do período.

El desarollo de los imperialismos coloniales de británicos, franceses, alemanes, belgas, italianos y otros, en varios continentes, particularmente en África, dieron nuevo interés político al racismo para justificar, ahora con la antropología, las subyugaciones que antes se bendecían con la Biblia abierta. Hasta los imperios de Europa se combatían entre sí con fantásticas teorías raciales. Aún no han cesado y la política totalitaria, furiosamente racista, ha puesto uniforme a la antropología, regimentándola con sus tropas de agresión. (...) La raza se desvanecía como fenómeno biológico de trascendencia social (ORTIZ, 1941, p. 7-8).

¹¹ Nesta parte cabe um pequeno esclarecimento. Falamos, do denominado nas obras de Kardec, de Fluido Cósmico Universal que seria a energia primária de onde se originam todas as coisas. A partir desta energia são constituídas as individualidades que, de acordo com o espiritismo, iniciam seu processo evolutivo. Este, com base no livre arbítrio, é definido pelo esforço de cada um. Logo, a Doutrina Espírita não defende que todos são iguais e sim que há um potencial igual de desenvolvimento. Sobre isso ver o chamado pentateuco de Alain Kardec, conjunto das cinco obras de codificação da Doutrina Espírita, em especial o *Livro dos Espíritos* e a *Gênese*. Obras que Ortiz fez referências claras ao longo de sua trajetória intelectual. As demais obras do pentateuco de Kardec são: *O Evangelho segundo o Espiritismo*; *O livro dos médiuns* e *O Céu e o Inferno*.

Ao partir para uma reflexão sobre alguns escritos de Jose Martí, Ortiz buscou legitimar sua argumentação de que o conceito de raça era impreciso, sobretudo para pensar a realidade cubana. Valendo-se da interpretação martiniana, defendeu que raça só servia para justificar mecanismos de dominação com base no binômio superior/inferior. A questão racial não poderia servir de parâmetro para estabelecer uma hierarquia social.

El término raza, aplicándolo a la gente de ‘nuestras tierras americanas’, es decir, al conjunto de pueblos deanáloga cultura troncal, los de ‘nuestra América’, como luego se ha venido repitiendo. Pero Martí no se equivoca. Él sabe que ‘nuestra América’ no es ‘nuestra raza’ en un sentido biológico. (...) En el caso citado, raza quiere expresar *cultura*, como hoy se diría; pero esta acepción del vocablo no estaba todavía en uso hace 60 años, cuando escribía Martí. (...). No. *No hay razas*, dice Martí; pero al emplear el vocablo raza en su concepto más amplio, piensa que las razas sólo por ser tales razas, aun siendo distintas somáticamente, no son mejores ni peores unas que otras (ORTIZ, 1941, p. 14-15).

Em *La defensa contra el antisemitismo*, Ortiz estabeleceu uma argumentação muito mais contundente acerca dos problemas e dos limites do conceito de raça e, principalmente, de toda uma construção retórica que visava justificar os racismos, “*los malditos racismos*” que se faziam presentes “*para aumenta los males de nuestra Cuba*” (ORTIZ, 1955, p. 1).

Novamente, o autor denunciava que os racismos deveriam ser encarados como uma estratégia para desequilibrar a Ilha e justificar possíveis estratégias de dominação política e econômica. No entanto, neste texto, ele deixava explícito que sua preocupação residia no fato de ideias estrangeiras estarem chegando com enorme força na Ilha. Ideias estas que não coadunavam com a História e a sociedade cubana, na medida em que Cuba era formada “*por aportes humanos de diferentes orígenes*” (ORTIZ, 1955, p. 1).

O racismo, tal qual era formulado naquele momento, não se harmonizava com a formação social cubana. Esta havia sido, nos dizeres do autor, integrada por ondas imigratórias das mais diversas, nacionalidades, credos e línguas. Este contexto levou à formação de uma sociedade plural na qual não haveria espaços para manifestações racistas. “*Todo racismo es en definitiva un insulto y un peligro para todos los cubanos por igual*” (ORTIZ, 1955, p. 3).

Ao criticar a entrada de ideias antisemitas em Cuba, Ortiz elaborou uma severa crítica à toda e qualquer forma de racismo, chamando a atenção para a necessidade de se estabelecer uma política de Estado que recriminasse quaisquer atitudes racistas, assim como o país deixasse claro seu posicionamento para a comunidade internacional. Neste sentido, Ortiz destaca o posicionamento cubano, claramente antirracista por conta da Oitava Conferência Panamericana de Lima pela qual se afirmava:

1. Que de acuerdo con los principios fundamentales de equidad ante la Ley, cualquiera persecución por motivos raciales o religiosos que haga imposible a cualquier grupo humano vivir decentemente, es contraria al sistema político y jurídico de América.
2. Que el concepto democrático del Estado garantiza a todos los individuos las condiciones esenciales para desenvolver legítimamente sus actividades, dentro del respeto que merece cada persona.
3. Los gobiernos firmantes de esta declaración aplicarán estos principios de solidaridad humana (ORTIZ, 1955, p. 9).

Em texto intitulado *A cubanidade e os negros*, Ortiz formulou, pela primeira vez, a interessante metáfora do *ajíaco* como emblema da nacionalidade cubana, como símbolo de uma cubanidade, interpretando “os abraços amorosos” da mestiçagem como “augurais de uma paz universal dos sangues [...] de uma possível, desejável e futura desracialização da humanidade” (ORTIZ, 1942, p. 1), negando, portanto, as hierarquias raciais comuns até então.

Citando mais longamente o autor:

A cubanidade não pode depender simplesmente da terra cubana, onde se nasceu e nem da cidadania política que se goze: e às vezes se sofre. Na cubanidade ‘há’ algo mais do que um metro de terra molhada do que o primeiro choro de um recém-nascido, algo mais que algumas polegadas de papel branco, marcados com selos e gravuras simbólicas de uma autoridade que reconhece uma vinculação social verdadeira ou suposta. A cubanidade não dá origem: não há uma raça cubana e não há raça pura, não há nenhuma. A raça, afinal, não é mais do que um estado civil firmado por autoridades antropológicas; mas esse estado racial sabe ser tão convencional e arbitrário, e às vezes tão mutável, como o estado civil delimita o homem a tal ou qual nacionalidade. (...) A cubanidade é, sobretudo a qualidade peculiar de uma cultura, a de Cuba. Dito em termos correntes, a cubanidade é a condição da alma, complexo de sentimentos, idéias e atitudes. (...)

Mas se todas essas culturas recebessem eflúvios da cubanidade, em qual delas destilou mais a cubanía? Como ocorre com o ajíaco, o sintético e o novo estão no fundo das substâncias decompostas, precipitadas, revoltas, fundidas e assimiladas em um jogo comum; combinam numa mistura de gentes, culturas e raças (ORTIZ, 1942, p. 2)

Em 1940 publicou uma conferência, *Los factores humanos de la cubanidad*, proferida em 28 de novembro do ano anterior, quando novamente utilizou *el ajíaco* como metáfora para compreender o elemento central da identidade nacional cubana (ORTIZ, 1940).

La imagen del ajíaco criollo nos simboliza bien la formación del pueblo cubano. (...) Ante todo una cazuela abierta. Eso es Cuba, la isla, la olla puesto a fuego de los trópicos, (...). Y ahí van las sustancias de los más diversos géneros y procedencias. La indiada nos dio el maíz, la papa, la malanga, el boniato, la Yuca, el ají que lo condimenta y el blanco xao-xao del casabe con que los buenos criollos de Camagüey y Oriente adornan el ajíaco al servir (ORTIZ, 1940, p. 193).

A metáfora do *ajíaco* nos permite estabelecer a síntese de sua argumentação acerca da questão racial. Neste momento a raça seria um mito, um engano, pois a sociedade não podia ser entendida a partir de uma premissa meramente biológica e que mesmo nesse campo apresentava limitações. A reflexão de Ortiz passava pelo fundamento de que não existiam nem raças superiores, nem inferiores uma vez que o que poderia ser visto como a “raça” cubana, só poderia ser compreendida ao se observar o processo de integração dos aspectos culturais presentes na Ilha, ou seja, os elementos indígenas, africanos, hispânicos, latinos, anglo-saxões, judeus, asiáticos etc.

Ao longo dos anos 40, Ortiz amadureceu sua argumentação sobre o racismo, considerado por ele como um dos maiores e mais sérios problemas de Cuba. Neste período é possível notar em suas reflexões realizadas na primeira metade da década e reunidas no livro *El engano de las razas* (ORTIZ, 1945), assim como, em algumas conferências na segunda metade da década, publicadas em periódicos nos anos 50, que a superação da questão racial e a valorização da pesquisa de aspectos culturais marcaram essa etapa do pensamento do autor. Devemos salientar também que, em vários momentos é possível observar a influência de diferentes paradigmas que nos auxiliam a entender o discurso de Ortiz sobre a temática em questão.

Nos textos de *El engano de las razas* Ortiz estabeleceu uma síntese de suas reflexões elaboradas ao longo de mais de uma década. O autor

defendeu a tese de que as variações físicas de traços, altura, ossatura etc., bem como a pigmentação da cútis dos seres humanos apresentariam variações quase infinitas o que inviabilizaria a elaboração de “tipos ideais” que foram construídos a partir dessas variações. Outrossim, as características humanas não eram determinadas por fatores genéticos e sim pela transmissão de costumes, valores, crenças, ou seja, pela influência dos elementos culturais¹².

Ao justificar, em conferência proferida em 1949 (ORTIZ, 1955), os limites científicos do racismo, Ortiz em mais de um momento utilizou elementos discursivos que ora se aproximavam de alguns aspectos da retórica espírita ora se aproximavam da antropologia cultural. A influência do Espiritismo como pressuposto teórico para suas reflexões fica bastante evidente, por exemplo, nessa breve passagem, na qual explicita-se tanto a lei do progresso quanto o livre arbítrio, fundamentos centrais da Doutrina Espírita. *“Es la ciencia la que ha de elevarnos a todos, dándonos la liberación definitiva, ahuyentando los malos espíritus, asegurando el progreso y poniendo en manos del hombre la responsabilidad de sus propios destinos”* (ORTIZ, 1955b, p. 161).

Observando a produção de Fernando Ortiz desde os seus primeiros escritos, em que pesem as mudanças de referenciais, evidencia-se que a questão da história e práticas culturais da Ilha sempre esteve entre as suas preocupações. Salienta-se nesse processo tantos as pesquisas sobre as religiões quanto a música, a dança, a alimentação, as artes de uma maneira geral, e os costumes desde o vestuário até a sexualidade dos vários povos que formaram a sociedade cubana. Suas reflexões sobre raça e racismo foram, em nossa opinião, a pedra de toque de seu pensamento. Todos os seus estudos sobre os mais variados temas, tais como: música, dança, criminologia, política, História, Arqueologia etc., apresentavam a questão racial como mote para as suas reflexões.

Considerações finais

Defendemos neste artigo que Fernando Ortiz foi um dos principais representantes de um tipo de intelectual que ao longo da primeira metade do século XX foi influenciado por um caleidoscópio de ideias que caracterizavam diretamente as suas formulações discursivas.

¹² Devemos ter em mente que essa crítica à genética deve ser pensada à luz das críticas feitas ao Nazismo, no imediato pós Segunda Guerra Mundial, uma vez que os estudo genéticos foram um dos pilares das atrocidades nazistas.

Ortiz repensou a identidade cubana a partir da relativização dos preceitos racialistas, sobretudo lombrosianos, de fins do século XIX e primeiros anos do século XX, a partir da valorização de aspectos culturais do povo cubano, mais precisamente da influência de suas diferentes manifestações étnico-culturais.

Metodologicamente observamos a construção discursiva com o intuito de identificar convergências e divergências situando-a no âmbito das questões principais do período e da formação intelectual de Ortiz. Seu projeto passava, nitidamente, pela fusão das diferentes “cubas”, e que tal integração era premissa básica para pensarmos o “*ajíaco*” sobre o qual deveriam se debruçar os intelectuais cubanos. Podemos concluir que somente intelectuais capazes de dominar os valores culturais dos vários segmentos da sociedade cubana teriam condições de entender efetivamente a cultura e a identidade dessa sociedade.

Partimos da hipótese de que na primeira metade do século XX, teria ocorrido uma série de mudanças relacionadas ao conceito de raça na América Latina, expressadas, entre outras, nas obras de Fernando Ortiz. Tais mudanças, e esta foi uma das nossas questões norteadoras, pautavam-se na valorização do hibridismo cultural ocorrido no continente e considerado determinante para o advento de novas concepções de Nação formuladas pela intelectualidade latino-americana que em síntese superavam o racismo científico que caracterizou o século XIX e as primeiras décadas do século XX, por meio da positivação da ideia de mestiçagem e da afirmação de elementos não necessariamente europeus, tendo como aportes teóricos, no caso de Ortiz, – além da Antropologia Cultural, consagrado nos estudos sobre o pensador cubano – dentre outros o Espiritismo, entendido a partir de um viés universalista e de valorização de aspectos culturais multiétnicos como expressão típica da identidade cubana.

Em síntese, realizamos uma análise de conteúdo direcionada aos diferentes significados do conceito de raça nos textos de Fernando Ortiz com o intuito, conforme apontado acima, de perceber como foi elaborado discursivamente o processo de “culturalização da raça”, observando as rupturas e continuidades em relação ao racialismo científico em diálogo com o panorama do desenvolvimento do discurso racial à época.

Nesse sentido, não há como buscar explicações simples e unidimensionais para compreender o pensamento de Fernando Ortiz. Consideramos que ele foi um intelectual caleidoscópico, como tantos outros latino-americanos, e a compreensão de seu ideário que no caso deste artigo buscou entender sua concepção de raça, só se faz

possível quando são observadas as várias matrizes intelectuais que o influenciaram, desde o positivismo e o lobrosianismo, passando pela Antropologia Cultural e o Espiritismo, e que suas ideias foram consequência da fragmentação de tais pressupostos tal qual um caleidoscópio que reflete em milhares de partes a luz que recebe. Neste artigo, buscamos observar algumas dessas luzes.

Referências

- ALTAMIRANO, Carlos (Org). *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Conocimiento, 2008. Vol. 1.
_____. *Historia de los intelectuales en América Latina*. Buenos Aires: Katz Conocimiento, 2011. Vol. 2.
- AMARAL, Aracy. Modernidade e Identidade: as duas Américas ou três, fora do tempo. In: BELLUZZO, Ana Maria de Moraes (Org.). *Modernidade: Vanguardas artísticas na América Latina*. São Paulo: UNESP, 1990.
- ARÈVALO, José Antonio Matos. Fernando Ortiz. La Virgen de La Caridad Del cobre: um interpretación desde el Caribe. *Revista Brasileira do Caribe*, Goiânia, v. VIII, n. 16, p. 411-440, 2008.
- ATTIAS-DONFUT, Cleudine. La Notion de Generation: usage sociaux et concept sociologique. In: *L'Homme et la Société Paris*, L' HARMATTAN (90), v. 22, n. 4, 1988.
- BARREAL, Isaac (Org.). *Fernando Ortiz: etnia y sociedad*. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1993.
- BERABA, Ana Luiza. *América Aracnidea – Teias culturais interamericanas*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008.
- BOAS, Franz. *A Antropologia Cultural*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.
- BRONFMAN, Alejandra. *Mesures of equality: social science, citizenship, and race in Cuba (1902-1940)*. University of North Caroline Press, 2004.
- CAIRO, Ana. Lydia Cabrera: praxis vanguardista y justicia cultural. In: PÉREZ, Esther; LUEIRO, Marcel. *Raza y racismo* (Antología de Caminos). Editorial Caminos: La Habana, 2009. p. 86-107.
- DIAZ QUIÑONEZ, Arcádio. Fernando Ortiz e Allan Kardec: Espiritismo e Transculturação. In: *Revista Lua Nova*, São Paulo, n. 82, p. 109-138, 2011.
- FUNES, Patrícia. *Salvar la nación – Intelectuales, cultura y política en los años veinte latinoamericanos*. Buenos Aires: Prometeo, 2006.
- FORNET, Ambrósio. *Narrar la nación*. La Habana: Editorial Letras Cubanás, 2009.
- GOTT, Richard. *Cuba: uma nova História*. Rio de Janeiro: Zahar Editor, 2006.
- HOBSBAWM, Eric. *Era dos Extremos – O breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras. 2007.
- HOFBAUER, Andréas. *Uma história de branqueamento ou o negro em questão*. São Paulo: Ed UNESP, 2006.

- JIMENEZ GARCIA, Antonio. *El Krausopositivismo de Urbano González Serrano*. Badajoz: Departamento de Publicaciones Disputación Provincial de Badajoz, 1996.
- MOLINARI, Claudia; ENRÍQUEZ, Mariana. Antropología de la orilla y Cuba transamericana: los aportes de Fernando Ortiz al pensamiento em América Latina. *Frontera Norte*, Tijuana, México, v. 26, n. 52, p. 205-213, jul.-dez. 2014.
- NARANJO OROVIO, Consuelo; PUIG-SAMPER, Miguel Angel. Delincuencias y racismo em Cuba: Israel Castelanos versus Fernando Ortiz. In: HUERTAS, Rafael; ORTIZ, Carmen (Ed.). *Ciencia y Fascismo*, Madri, Doce Calles, 1998.
- _____. Fernando Ortiz: Herencias Culturales y Forja de la Nacionalidad. In: NARANJO OROVIO, Consuelo; SERRANO, Carlos (Eds.). *Imágenes y imaginários nacionais em ultramar*. Madri: Consejo Superior de Investigaciones Científicas/Casa de Velázquez, 1999.
- _____. Fernando Ortiz y las relaciones científicas hispano-cubanas. *Revista das Índias*, v. LX, n. 219, p. 477- 503, 2000.
- OLIVEIRA, Emerson Divino Ribeiro de. *Transculutração*: Fernando Ortiz, o negro e a identidade nacional cubana 1906-1940. 2003. Dissertação (Mestrado em História das Sociedades Agrárias) – Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2003.
- OLIVEIRA, Fábio Nogueira de. Negrismo, afrocubanismo e transculturação nas trajetórias de Fernando Ortiz, Nicola Guillén e Gustavo Urrutia. 36º Encontro Anual da ANPOCS, GT – Pensamento Social Latino-americano, [s/d.]
- ORTIZ, Fernando. *Los negros brujos*. Miami: Ediciones Universal, 1973. (1. ed.: 1906).
- _____. *Entre cubanos*: psicología tropical. Havana: Editorial de Ciencias Sociales, 1987. (Original de 1913).
- _____. La filosofía penal de los espirituistas. Estudio de filosofía jurídica. San Juan, Puerto Rico: Editorial Nuevo Mundo, 2012. (1. ed.: 1915).
- _____. Las fases de la evolución religiosa. *Revista Bimestre Cubana*, Havana, v. XIX n. 2, mar.-abr. 1919.
- _____. La Milagrosa del Cementerio de la Habana. *Archivos del Folklore Cubano*, v. III n. 3, jul.-set. 1928.
- _____. “Ni racismo ni xenofobia”. Discurso proferido na seção solene de 9 de janeiro de 1929 por conta da comemoração do aniversário de fundação da Sociedad Económica de Amigos del País. *Revista Bimestre Cubana*, La Habana, v. XXIV, n. 1, jan.-fev. 1929.
- _____. *Defensa cubana contra el antisemitismo*. Manifesto da Asociación Nacional contra las Discriminaciones Racistas, de 14 de Junho 1939. Publicado na *Revista Bimestre Cubana*, v. LXX, n. 1, 1955.
- _____. *Contrapunteo cubano del tabaco y el azúcar*. Madrid: Cátedra, 2002. (1. ed.: 1940).
- _____. *Marti y las razas*. Conferência de 9 de julho de 1941 por conta de homenagem a José Martí organizado pela Sociedad Cubana de Estudios Históricos e Internacionales. *Revista Bimestre Cubana*, v. XLVIII, n. 2, set.-out. 1941.
- _____. “A Cubanidade e os negros”. In: Suplemento Panamericano do jornal *A Manhã* n. 8. 30/08/1942. (Original de 1939).
- _____. Manifiesto da Asociación Nacional contra las Discriminaciones Racistas, de 14 de junho 1939. *Revista Bimestre Cubana*, v. LXX, n. 1, 1955.

- _____. Los factores humanos de la cubanidad. *Revista Bimestre Cubana*, v. XLV, n. 2, mar-abr.1940.
- _____. *El engaño de las razas*. Havana: Fundacion Fernando Ortiz, 2011. (Original de 1945).
- _____. Palestra realizada no Club Atenas de la Habana em 19 de mayo de 1949. *Revista Bimestre Cubana*, v. LXX, n. 1, 1955.
- SIRINELLI, Jean-François. *Le Génération: la construction du temps historique*. Paris: Histoire au Present, 1991.
- SKINNER, Quentin. *Visões da Política*. Lisboa: DIFEL, 2005.
- SOARES, Gabriela Pellegrino. *Diálogos culturais latino-americanos na primeira metade do século XX*. Disponível em: <<http://revistas.pucsp.br/index.php/revph/article/viewFile/2426/1516>>. Acesso em: 21 dez. 2013.
- STEPAN, Nancy Leys. *A hora da eugenio: raça, gênero e nação na América Latina*. Rio de Janeiro: Ed. Fiocruz, 2005.
- VALDÉS, Eduardo Devés. *Del Ariel de Rodó a la CEPAL (1900-1950)*. Buenos Aires: Biblos Editora, 2001.
- YELVINGTON, K. A. The Inventon of Africa in Latin America and the Caribbean. Political discourse and Anthropological praxis, 1920-1940. *Afro-Atlantic Dialogues: Anthropology in the Diaspora*. Santa Fe, N.M.: School of American Research Press, 1996. p. 35-82.

Recebido: 16 de novembro de 2015

Aprovado: 12 de fevereiro de 2016

Autor/Author:

FERNANDO VALE CASTRO <valecastroufrj@gmail.com>

- Professor de História da América no Instituto de História da Universidade Federal do Rio de Janeiro, do Programa de Pós-Graduação em História Social (PPGHIS/UFRJ) e do Mestrado Profissional em Ensino de História (ProfHist/UFRJ). Doutor em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Pós-Doutor em História pela Universidade de São Paulo (USP). Pesquisador do Programa de Estudos Americanos (PEA/UFRJ). Publicou capítulos de livros e artigos sobre História Intelectual. Autor do livro *Pensando um Continente: a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul* (Mauad, 2012) e um dos organizadores de *Raça: trajetória de um conceito* (Ponteio, 2014).
- Professor of History of America in the Institute of History at the Federal University of Rio de Janeiro, in the Graduate Program in Social History (PPGHIS/UFRJ) and the Professional Masters in History Teaching (ProfHist/UFRJ). PhD in Social History of Culture at the Catholic University of Rio de Janeiro (PUC-Rio). Post-PhD fellowship in History from the University of São Paulo (USP). Researcher at the American Studies Program (PEA/UFRJ). Has worked on and published book chapters and articles about Intellectual History. Author of the book *Pensando um continente: a Revista Americana e a criação de um projeto cultural para a América do Sul* (Mauad, 2012), he was also one of the editors of *Raça: a trajetória de um conceito* (Ponteio, 2014).